



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Famílias e Curso de Vida [ST]

MODELOS DE REPRESENTAÇÃO FACE À RECOMPOSIÇÃO FAMILIAR: OLHARES JUVENIS

MOCETAO CUNHA, Cristina

PhD em Sociologia

Investigadora do Instituto de Sociologia (Universidade do Porto) e Docente (Universidade Lusíada do Porto)

cristinacunha.m@gmail.com

MEIRELES, Ana

PhD em Psicologia

Universidade Lusíada do Porto

anameireles@por.ulusiada.pt

Resumo

O conhecimento incipiente sobre as famílias recompostas, a tendência para compará-las com as famílias nucleares, os estereótipos negativos face às figuras parentais sociais do padrasto e da madrasta e a ausência de reconhecimento dos seus papéis, indicam a necessidade de se explorar as representações sociais enquanto instrumento de compreensão e de transformação da vida social. A investigação procurou evidenciar o modo como os jovens interpretam o mundo da família recomposta. Uma das abordagens consistiu em caracterizar os olhares juvenis face à recomposição familiar e compreender como concebem a construção relacional entre os jovens na condição de enteado e os novos membros no papel de padrasto e /ou madrasta. Com este propósito, seguimos uma linha de investigação de carácter quantitativo, fazendo recurso a um inquérito por questionário dirigido a uma amostra de 477 jovens (com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos) de diferentes estruturas familiares. Os principais resultados indicam não haver diferenças significativas nas representações dos jovens sobre o padrasto e a madrasta, descrevendo essas figuras como sendo “um outro diferente”. No entanto, quando relacionados os aspetos referentes aos papéis parentais com a convivência, evidenciando o que é relevante, o padrasto e a madrasta passam a ser qualificados como membros mais próximos. Assim, identificaram-se diferentes modelos de representação sobre a recomposição familiar.

Abstract

The fledgling knowledge about blended families (or stepfamilies), the tendency to compare them with nuclear families, the negative stereotypes in the face of parental social figures stepfather and stepmother and the lack of recognition of their roles, indicate the need to explore the social representations as a tool for understanding and transformation of social life. The research sought to highlight how young people interpret the world of recomposed family. One approach was to characterize the juvenile face looks familiar to recompose and understand how they conceive the relational construction among young stepson provided and new members in the role of stepfather and / or stepmother. For this purpose, we follow a line of investigation of quantitative character, making use of a questionnaire sent to a sample of 477 young people (aged between 14 and 18 years) of different family structures. The main results indicate no significant differences in the representation of young people on the stepfather and stepmother, describing these figures as "a different one". However, when related aspects concerning parental roles with coexistence, emphasizing what is relevant, stepfather and stepmother to become qualified as closest members. Thus, we identified different models of representation on family restoration.

Palavras-chave: Jovens; Recomposição Familiar; Representações Sociais; Adaptação.

Keywords: Younger; Family Recomposition; Social Representations; Adaptation.

1. Breves notas sobre os trilhos da recomposição familiar

Ao longo do tempo, a família mudou a ritmos diferentes associados ao grau de desenvolvimento de cada sociedade e de cada época. Abandonam-se definições demasiado simplistas e passa-se a falar de configurações familiares e não de família (Neyrand, 2001). Enquanto os trabalhos científicos do século XIX procuravam conhecer a origem da família, atualmente, a preocupação é saber para onde vai a família contemporânea visto que ela “não só mudou como se tornou mais exigente” (Dias, 2009: 86).

O aumento do número de divórcios e de recasamentos verificados nas últimas décadas reflete estas mudanças na estrutura, papéis e relações familiares. Um número significativo de crianças e jovens passam a crescer em configurações familiares diferentes da designada família nuclear intacta ou tradicional. Tais mudanças suscitaram inquietações sociais acompanhadas de uma curiosidade investigativa sobre os novos fenómenos associados à multiplicidade de configurações familiares, em específico, das famílias recompostas, que não é exclusiva dos clínicos mas também de sociólogos e, em particular, os da área da família.

As transformações verificam-se no surgimento de novas tipologias de família, com novos elementos e diferentes relações de parentesco (nomeadamente os meios-irmãos, os padrastos, as madrastas, os pais destes, entre outros). Todos estes acontecimentos conduziram a uma reflexão sobre a continuidade da família como uma das protagonistas dos processos de mudança social, com contornos diferentes em função das dimensões tempo e espaço. Do mesmo modo, tais ocorrências afetaram, não apenas a estrutura da família, como também os lugares e os papéis dos seus membros, dando ainda origem a uma renovação da própria sociologia da família, nomeadamente ao nível do seu quadro concetual e metodológico.

A vasta literatura existente sobre a família recomposta evidencia uma diversidade de abordagens, permitindo conhecer melhor os fatores que particularizam esta configuração familiar. As famílias recompostas enfrentam desafios pelo facto de se afastarem do modelo tradicional de família conhecida por nuclear (intacta), sendo sujeitas a processos de estigmatização (Amato, 2000; Saint-Jacques & Chamberland, 2000). Esta visão negativa, assim como a sua evolução numérica na sociedade americana, foram dos primeiros temas abordados pelos investigadores norte-americanos. Uma característica constante nos estudos das famílias recompostas, quando se aborda nomeadamente a adaptação dos membros à nova condição familiar, diz respeito a um padrão de comparação com o protótipo da família nuclear ou tradicional (Levin & Sussman, 1997).

A diversidade familiar, resultante da presença de uma multiplicidade de atores sociais (os pais biológicos, os pais sociais - padrasto e madrasta - e os filhos destes quando os há) com implicações na vida dos filhos/enteados, conduziu os investigadores clínicos e sociais a dar uma maior atenção ao domínio da adaptação à recomposição familiar. Por exemplo, são sinalizadas diferentes dimensões importantes na adaptação como o género do enteado e dos pais sociais, a modalidade de coabitação, ou a idade do enteado no momento da recomposição familiar (Pasley & Ihinger-Tallman, 1994).

Mais que o estudo das questões estruturais, os aspetos processuais, no seio da família recomposta, ocupam uma posição central na compreensão dos fatores que influenciam a adaptação dos jovens (Saint-Jacques & Drapeau, 2008). O sentimento de pertença à nova família tem sido assinalado na produção literária sobre o impacto da recomposição familiar como desempenhando um papel central na adaptação dos jovens (Papernow, 2003).

Convém esclarecer que a designação de família recomposta remete-nos para a existência de um casal (“de direito” ou “de facto”), com um ou mais filhos resultantes de uma relação anterior. Em termos estruturais, o modelo em causa pode assumir duas modalidades. Uma primeira é conhecida pela família recomposta simples que é composta por um casal que tem pelo menos um filho de uma relação anterior de um dos cônjuges. A outra modalidade refere-se à família recomposta complexa em que ambos os cônjuges têm filho(s) de uma relação anterior (Erera, 2002). Quer numa, quer noutra, o nascimento de uma criança do casal recomposto traduzirá, por sua vez, um alargamento da(s) fratria(s). Assim, os filhos constituem a principal referência para classificar e analisar as famílias recompostas e estas constituem “constelações familiares”, isto é, uma rede alargada de pessoas ligadas entre si por modalidades de parentesco (Théry, 1998).

A revisão da literatura mostra-nos que a construção social das madrastas e dos padrastos permanece associada a símbolos mais depreciativos como crueldade e antipatia, contrastando com a imagem atribuída à figura da mãe e do pai biológicos enquanto seres protetores e adorados (Cadolle, 2001). Com efeito, as próprias histórias infantis e o imaginário popular têm contribuído para moldar atitudes negativas relativas às famílias recompostas. Na verdade, observa-se que nos discursos sociais existe uma enorme resistência em nomear o padrasto ou a madrasta. Por essa razão, a comunidade francesa substituiu as designações *marâtre* e *parâtre* por outros termos, que se pretendem mais neutrais, como *belle mère* e *beau père* e a expressão enteado por *beau fils* ou *belle fille* (Théry, 1991, 1995; Cadolle, 2001). Geralmente, as expressões padrasto, madrasta ou enteado são evitadas, na maioria das vezes, sendo substituídas pela utilização do nome próprio, ou então, por designações como o marido, a mulher ou companheiro/a da minha mãe ou do meu pai, e o filho ou a filha do meu marido ou da minha mulher. O uso do nome proporciona uma proximidade e uma interação relacional para depois ser possível a construção de uma relação parental (Cutsem, 2001). Para além do facto de tratar o novo membro pelo seu nome, o ato de *tutoyer* (tratar por tu) sugere uma possibilidade de estreitar os laços como refere Bourdieu (1996: 4), “le prénom qui comme le tutoiement s’emploie entre proches de même rang social introduit une familiarité propre à affaiblir l’autorité de la belle-mère. Tutoiement et prénom évoquent davantage un lien d’amitié qu’un lien de parenté et introduisent la confusion dans l’écart générationnel”. No caso da sociedade portuguesa, os termos para designar os novos membros que compõem a família recomposta mantêm-se como o padrasto e a madrasta não fugindo à representação negativa que ela produz socialmente (Lobo, 2006). Por conseguinte, a ausência de um termo mais ajustado à figura do padrasto e da madrasta, posicionando-o numa figura que nem é parente nem é desconhecido, reforça a ideia de que este modelo de família recomposto é institucionalmente incompleto (Cherlin & Furstenberg, 1994).

Embora a maior expressão deste modelo tenha proporcionado uma maior visibilidade e reconhecimento no contexto social, a “plasticidade” (Wall, 2005) desse grupo doméstico torna-se motivo de análise sociológica, originando entre os cientistas sociais olhares interrogativos (Théry, 2002). Na verdade, a recomposição compromete todos os protagonistas face à nova estrutura familiar mas, em particular, o jovem que vive num constrangimento resultante da sua condição de filho-enteado. Compreender essa dupla identidade implica conhecer a interação criada entre o padrasto/madrasta e o enteado, ou seja, conhecer o envolvimento ativo dos atores sociais nesse processo.

2. Metodologia adoptada

Rareiam os trabalhos sobre as representações que os jovens têm dos diferentes modelos familiares que, não sendo recentes, têm nas últimas décadas adquirido especial visibilidade e expressão. Sendo os jovens de hoje os futuros adultos, consideramos pertinente trazê-los para este estudo, pois as suas representações sobre os arranjos familiares terão certamente impacto nos seus projetos familiares futuros. Consideramos, assim, oportuno um olhar sobre este segmento da população, para uma melhor compreensão das representações sobre a recomposição familiar.

Atendendo aos objetivos da investigação, desde cedo, decidimos seguir o caminho delineado pelo método de medida ou de análise extensiva sustentada numa amostra composta por jovens provenientes de escolas do ensino público e privado. Assim, a nossa amostra final é composta por 477 jovens provenientes de cinco escolas, designadamente duas públicas onde foi inquirido um total de 214 alunos, o que corresponde a 44.9% do total da amostra, e três privadas, nas quais contamos com a colaboração de 263 estudantes, o que representa 55.1% da amostra.

Os alunos do género feminino representam 58.1% da amostra, distribuindo-se de forma diferente entre os tipos de escola considerados. Nas escolas públicas, o número de raparigas é significativamente superior ao de rapazes, representando 63.1%. Nas escolas privadas, o número de rapazes (46%) e raparigas (54%) apresenta uma proporção mais aproximada. Nas escolas públicas seleccionadas, o ano de escolaridade mais representado é o 10º ano, com 32.7% de alunos. Por seu turno, nas escolas privadas o maior número de alunos provém do 12º ano, representando 39.5% da amostra. É ainda de realçar o facto de, nas escolas

públicas, o número de alunos diminuir do 10º ano para o 12º ano, situação inversa à que acontece nas escolas privadas.

3. Representações face às figuras do Padrasto e da Madrasta

Uma das questões obrigatória quando se estuda a temática da recomposição familiar diz respeito à terminologia a usar para este tipo de configuração familiar sendo certo que persiste ainda uma certa confusão na produção científica sobre os termos para designá-la. Aliás, sendo um modelo de família estruturalmente diferente de outros modelos familiares, deve também funcionar de forma diferente. Este reconhecimento conduziu à produção de uma pluralidade de novas representações sobre este modo de (re)organização familiar. No entanto, é um termo associado à função parental e que é largamente difundido quer na sociedade em geral, quer na comunidade científica (Bornstein, 2008).

De um modo geral, as novas realidades familiares recompostas implicam uma nova conceção da família e da parentalidade. Estas novas conceções resultam da integração, na equação relacional da recomposição, não somente dos pais biológicos (separados), mas também dos novos membros (padrasto, madrasta e filhos destes, se os houver).

As pesquisas sobre a passagem de um modelo de família nuclear para um modelo de recomposição descrevem um quadro em que os membros da família procuram adaptar-se às mudanças de relacionamento, de papéis e de estrutura familiar assim como às exigências do mundo externo. Este processo de transição caracteriza-se, na maior parte dos casos, como um momento *difícil*. A complexidade das relações na recomposição, motivada pela entrada de novos membros da família (padrasto, madrasta, e eventuais filhos destes últimos) exige uma reestruturação e delimitação dos papéis de cada membro (Parent & Beaudry, 2002; Beaudry et al., 2004). Não é demais salientar que, mais importante que a estrutura familiar é, sem dúvida, a teia relacional entre os seus membros, o mais poderoso contributo para o bom funcionamento familiar, em particular, para os filhos.

Como qualquer tipo de fenómeno que é novo, pelo menos do ponto de vista do reconhecimento social e da atenção científica, as famílias recompostas carecem de nomes adequados para identificar os seus atores sociais. Os termos existentes, madrasta e padrasto, carregam uma representação bastante negativa pelo que vêm sendo menos utilizados (Cadolle, 2000), para além de reportarem a uma situação de recomposição familiar por viuvez / morte / inexistência de um dos cônjuges (e respetiva substituição das figuras parentais ausentes) que deixou de ser maioritária nesta configuração familiar. Além disso, a ausência de regulação que formalize o vínculo entre os pais sociais (padrasto e madrasta) e o(s) enteado(s) poderá também dificultar a construção de laços mais intensos e de proximidade (Théry, 2001).

Os vários estudos em torno das representações de jovens que vivem ou viveram em famílias recompostas sobre o padrasto ou a madrasta comungam dum consenso em torno da forma como estas figuras são representadas. Chamar “pai” ao padrasto ou “mãe” à madrasta representa um ato político na medida em que define uma relação construída ou em construção (Furstenberg & Cherlin, 1991). Apesar de não haver consenso sobre o papel da madrasta, alguns trabalhos indicam que elas se vêm a desempenhar o papel mais de amiga do que de mãe (Erera, 1996). O mesmo sucede com o padrasto (Coleman et al., 2000).

Supõe-se que as representações que os jovens têm da família recomposta depende do tipo de relações desenvolvidas com o/a companheiro/a do pai ou da mãe (padrasto ou madrasta). Os estudos realizados junto de crianças e jovens de famílias recompostas revelam o desejo do padrasto e da madrasta exercerem mais o papel de “amigo/a” do que de “pai/mãe” (Erera, 1996). Também Gosselin (2010) observou que, em certos casos, as madrastas são identificadas mais a desempenhar o papel de “amiga” do que o de “mãe”. A mesma representação se verifica em relação aos padrastos. Por seu turno, Cadolle (2000) propõe a figura do “*parent de second*”, nem tão próximo nem tão distante como os papeis designados por “pai/mãe” ou por “amigo/a”.

Tendo em conta o nosso interesse em conhecer o lugar atribuído às figuras parentais sociais na recomposição familiar perspetivada pelos jovens da nossa amostra, realizou-se uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) para verificar em que medida a representação que os jovens têm sobre as figuras do padrasto e da

madrasta influencia a adaptação à recomposição familiar. Questionamo-nos como poderá o padrasto e/ou a madrasta assumir um lugar parental na família recomposta, na perspetiva dos jovens estudados.

Num primeiro momento, os resultados da ACM evidenciam a existência de três configurações distintas em relação à recomposição familiar (Figura 1). Estes três perfis associam a recomposição familiar a uma representação de i) afastamento, ii) proximidade e iii) indiferença.

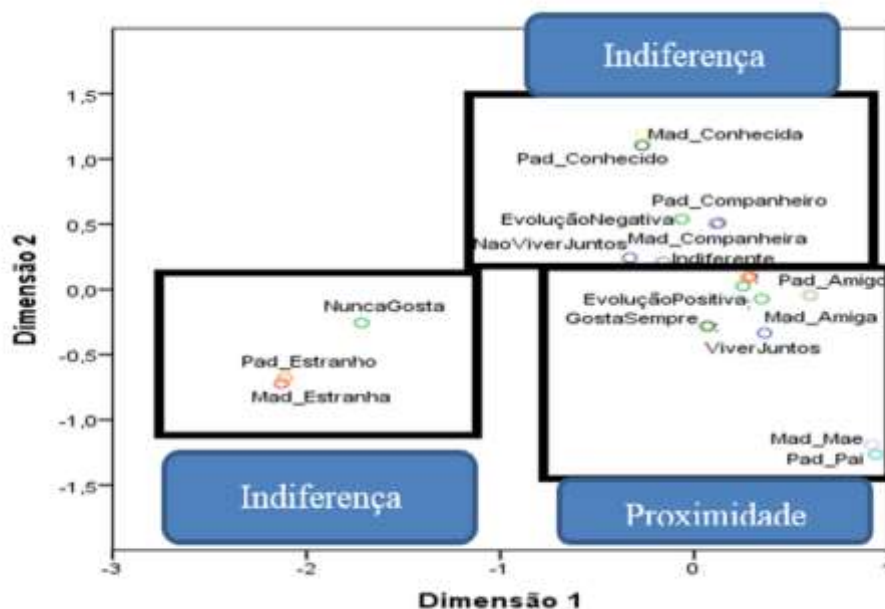


Figura 1 – Perfis sobre as representações da recomposição familiar

Relativamente à representação da recomposição familiar associada a *afastamento*, no quadrante inferior esquerdo, as figuras parentais sociais são classificadas como pessoas estranhas e cuja relação entre o enteado e o padrasto ou a madrasta é sempre negativa.

Por oposição, encontra-se no quadrante inferior direito uma representação da recomposição familiar que traduz uma maior *proximidade* relacional, incluindo representações do padrasto como pai e da madrasta como mãe bem como os que os classificam de amigo o padrasto e de amiga a madrasta. Os jovens que se enquadram neste perfil referem também o facto de se viver na mesma casa como condição favorável na adaptação à recomposição familiar e classificam como positiva esta relação.

Por fim, no quadrante superior direito, surge uma outra configuração da recomposição familiar definida como *indiferença*, representando o padrasto como companheiro da mãe ou conhecido e a madrasta como companheira do pai ou conhecida. Este grupo considera que é ou indiferente viver na mesma casa para que haja uma adaptação à recomposição familiar, ou então será mais favorável não viver juntos. São os jovens enquadrados neste perfil aqueles que consideram que a relação entre enteado/a e figuras parentais sociais evolui no sentido negativo ao longo do tempo.

A par de outras dimensões relativas às características individuais tais como o género, a configuração familiar de pertença e o tipo de escola frequentado pelos jovens, conseguimos distinguir três perfis de representações que passam pela i) construção da imagem face ao padrasto e à madrasta, ii) pela relação entre enteado/a e novas figuras parentais e iii) pela coabitação. Em suma, estes resultados indicam que, para os jovens deste estudo, existem diferentes modelos representacionais sobre a recomposição familiar.

4. Representações face aos Papéis Parentais Sociais

A recomposição familiar obriga a uma redefinição dos papéis, deveres e obrigações de cada um dos membros, tanto em relação ao lar recomposto, quanto à rede familiar (Le Gall & Martin, 1991). As pesquisas de Marsiglio (2004) junto de casais recompostos mostram que a figura do padrasto deve assumir um papel parental ativo e partilhar, de igual forma, as responsabilidades no que diz respeito à figura do enteado. Se, por um lado, parecem ser, sobretudo, os padrastos que optam por estar menos envolvidos na educação do(s) enteado(s) do que os pais biológicos (Parent *et al.*, 2008), por outro, diversos estudos mencionam que os enteados (crianças ou adolescentes) consideram que a figura do padrasto não deve desempenhar o papel de pai (Nicholson *et al.*, 2002).

A maior parte dos trabalhos centrados na questão da parentalidade social destaca as dificuldades ligadas ao exercício dos papéis conjugais e parentais, nomeadamente quando o interesse decorre da constatação de que os padrastos e as madrastas não beneficiam de nenhum estatuto ou modelo instituído para construir o seu papel. A ausência de enquadramento jurídico observado nas famílias recompostas dificulta assim o reconhecimento da partilha das funções parentais entre os pais biológicos (separados) e os pais sociais (Beaudry *et al.*, 2005). Por conseguinte, as famílias recompostas passam a assumir desafios acrescidos no campo do exercício da parentalidade.

Apesar do modelo de família nuclear (intacto) ser questionado face ao aparecimento de outros modelos de família, ele tem influenciado o exercício da parentalidade, em particular, nas famílias recompostas. Se considerarmos que tanto os pais biológicos como os pais sociais devem assumir uma posição relevante no quadro da recomposição familiar, nomeadamente de todos serem capazes de exercer as diversas responsabilidades parentais, então será válido falar em pluriparentalidade (Le Gall & Bettahar, 2001). No entanto, muitos estudos apontam para uma ambiguidade em relação à posição das figuras dos pais sociais neste quadro de pluriparentalidade, visto que os seus papéis são ainda frágeis quando comparados com os dos pais biológicos (Théry, 2002).

Perceber o lugar das figuras parentais em contexto de recomposição familiar exige conhecer os papéis que lhes são atribuídos e as condições favoráveis para o seu exercício e reconhecimento.

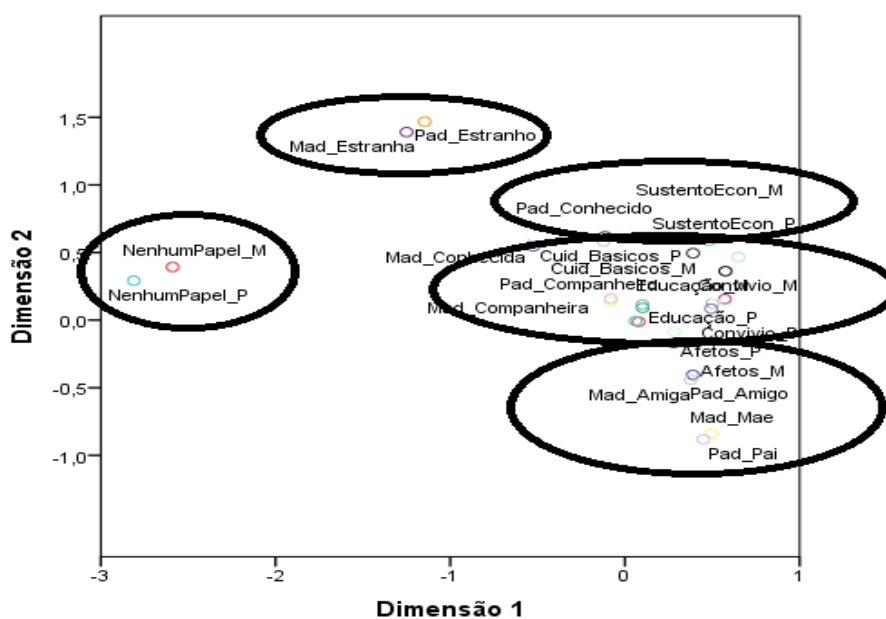


Figura 2: Efeitos das representações sobre as figuras parentais sociais nos papéis em recomposição familiar

A Figura 2 permite-nos identificar as associações privilegiadas entre as categorias de variáveis relativas aos papéis parentais. Todavia, realçam-se dois perfis distintos em relação aos papéis em contexto de recomposição familiar. Um primeiro perfil pode ser encontrado no quadrante superior direito representado pelos indivíduos que reconhecem o exercício dos papéis parentais (no domínio da prestação de cuidados básicos, da convivialidade, da afectividade, da educação e do sustento económico) ao padrasto e à madrasta. O segundo perfil refere-se ao grupo daqueles que rejeitam qualquer desempenho dos papéis parentais pelo padrasto e pela madrasta em contexto de recomposição familiar.

Constatámos diferentes posicionamentos e aproximações em relação às representações e papéis atribuídos ao padrasto e à madrasta. Verificámos que o grupo que representa a madrasta e o padrasto como mãe/pai, amiga/amigo também lhes atribuem o papel afetivo. Os que representam as figuras do padrasto e da madrasta como companheiro da mãe/companheira do pai assinalam os papéis educativo, de convivialidade e de prestação de cuidados básicos. À figura do padrasto representada como conhecido é associado o papel instrumental.

5. Considerações finais

Na verdade, muito se tem escrito, sob diversos ângulos, a respeito da complexidade e ambiguidade das famílias recompostas. No entanto, pouco se sabe sobre como os jovens, em geral, vêem a configuração da recomposição familiar.

Os dados recolhidos mostram, por conseguinte, que as representações dos jovens estudados sobre o padrasto e a madrasta são muito semelhantes. Embora as figuras parentais sociais (padrasto e madrasta) sejam reconhecidas mais como companheiro/a(s) do pai e da mãe, em particular, pelo género feminino, em termos de modelos de família de pertença e do tipo de escola dos jovens estudados não existe grande variabilidade.

Foi possível identificar diferentes configurações relativas às representações sobre o padrasto e a madrasta. Por um lado, estas figuras assumem um lugar distante face aos pais biológicos por serem classificadas como pessoas estranhas. Por outro, as figuras parentais sociais também são reconhecidas como adultos designados por Cadolle (2000) de “parent de second”, ou seja, “nem tão distantes nem tão próximos”. Nesta segunda configuração, as figuras parentais sociais assumem a qualidade de companheiro da mãe/conhecido ou companheira do pai/conhecida. Na construção do reconhecimento destas figuras parentais, o fator tempo parece contribuir na definição da relação com o/a enteado/a (Lobo, 2006). Um terceiro perfil identifica as figuras parentais sociais como adultos semelhantes a um parente próximo (familiar). Um aspeto importante na definição da relação que os jovens estabelecem com as figuras parentais sociais refere-se à dimensão afetiva (baseada na evolução da relação), que interfere no seu processo de aceitação. Como referem Théry e Dhavernas (1993), a construção relacional passa pela necessidade de reconhecimento recíproco de ambas as partes, em particular, do/a jovem que passa a perceber o padrasto ou a madrasta como alguém mais próximo do que apenas como companheiro da mãe ou de companheira do pai.

A complexidade do quotidiano em que vive a criança ou o jovem, que vive com a sua mãe e o seu padrasto e provavelmente com meios-irmãos e, num outro tempo e espaço (fins de semana ou semana intercalar), com o pai, provavelmente a viver com uma outra pessoa (desempenhando a figura de madrasta), desenha um quadro de fragmentação dos deveres e obrigações dos atores sociais (sejam estes da parentalidade biológica ou social). Os trabalhos consultados referem frequentemente que o desempenho da parentalidade social se desenvolve com base em diferentes fatores temporais e relacionais, entre os quais a idade da criança/jovem no momento da recomposição, a compatibilidade dos estilos individuais, a relação com os pais biológicos e a duração da relação com o padrasto ou a madrasta (Ahrns, 2006). Deste modo, quando tratado num modelo familiar diferente do instituído (na família dita nuclear intacta), a abordagem da parentalidade passa para um nível deveras complexo e ambivalente.

O conceito de parentalidade sofre uma alteração quando a paisagem da família nuclear (intacta) se desfaz e um ou ambos os pais reajustam o puzzle familiar com um/a novo/a parceiro/a. A maior parte dos trabalhos centrados na problemática da parentalidade social destaca as complexidades ligadas ao exercício quer dos papéis conjugais, quer dos papéis parentais, nomeadamente quando os padrastos e as madrastas não

beneficiam de nenhum estatuto ou modelo instituído para construir o seu papel. Mas, mesmo assim, esses novos lugares e papéis parentais são assumidos e negociados no contexto da recomposição familiar.

Das nossas análises conclui-se que é reconhecido ao padrasto e à madrasta o exercício dos papéis parentais, embora esses papéis se diferenciem consoante se é padrasto ou madrasta.

A partir da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), foi possível traçar perfis de respostas no que diz respeito à relação das representações das figuras da parentalidade social e dos papéis parentais. Assim, verificamos uma associação entre a representação da madrasta e do padrasto como mãe/pai, amiga/amigo e os papéis relativos aos afetos. Os jovens que representam as figuras do padrasto e da madrasta como companheiro da mãe/ companheira do pai assinalam os papéis educativo, de convivialidade e de prestação de cuidados básicos. Relativamente ao papel instrumental, este está associado à representação do padrasto como “conhecido”. Por outras palavras, a partilha de afetos é atribuída ao padrasto e à madrasta quando estas figuras são representadas como amigo/a, enquanto o envolvimento nas questões educativas e no desempenho dos cuidados básicos e a convivialidade lhes são atribuídos quando estes são representados como companheiro/a da mãe / do pai. Por fim, o sustento económico para o bem-estar da casa é atribuído ao padrasto quando este é representado apenas como “conhecido”.

Um outro elemento em jogo no contexto da recomposição diz respeito à representação do modo como evolui a relação entre enteado/a e padrasto/madrasta. Na verdade, o reconhecimento dos papéis da parentalidade social está associado a uma representação de uma evolução positiva da relação entre enteado/a e padrasto/madrasta. Pelo contrário, os jovens que não atribuem papéis às novas figuras parentais também tendem a referir que esta relação é negativa. Todavia, alguns jovens consideram que um sentimento positivo entre o/a enteado/a e as figuras parentais sociais é uma condição para o reconhecimento do desempenho dos papéis sociais pelo padrasto e pela madrasta.

Em suma, apesar de serem numerosos os fatores que interferem na adaptação do sistema à recomposição familiar, a avaliar pelos trabalhos conhecidos sobre esta temática, os que mais contribuem para o sucesso adaptativo à recomposição familiar são a qualidade da relação mantida entre o/a enteado/a e o exercício do papel do padrasto ou da madrasta (Saint-Jacques e Lépine, 2009). Assim sendo, é a partir do desempenho dos novos papéis que se definirá o relacionamento entre cada membro da nova família.

Referências bibliográficas

- Ahrons, C. R. (2006). Family Ties after Divorce: Long-Term Implications for Children. *Family Process*, 46(1), 53-65.
- Amato, P. R. (2000). The Consequences of Divorce for Adults and Children. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 1269-1287.
- Beaudry, M., Boisvert, J. M., Simard, M., Parent, C. & Tremblay, P. (2005). Les couples dans les familles recomposées: un défi particulier, *Divorce et séparation*, 2, 29-53.
- Bornstein, M. H. (2008). *Handbook of Parenting. Practical Issues in Parenting* (2nd Ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers
- Custem, C. V. (2001 [1998]). *La famille recomposée: entre défi et incertitude*, Paris: Éd. Erès.
- Cadolle, S. (2000). *Être parent, être beau-parent: la recomposition de la famille*. Paris: Éd. Odile Jacob.
- Cadolle, S. (2001). La beau-parentalité: le point de vue des enfants, In F. Singly & S. Mesure (Eds). *Comprendre le lien familial*. Revue de Philosophie et de Sciences Sociales, 2 (pp. 239-252). Paris: Ed. PUF.
- Coleman, M., Ganong, L. & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: Another decade of progress. *Journal of Marriage and the Family*, 62(4), 1288-1307.
- Cherlin, A. & Furstenberg, F. J. (1994). Stepfamilies in the United States: a reconsideration. *Annual Review of Sociology*, 20, 359-381.

- Dias, C. I. (2009). *Relatório da Unidade Curricular: Sociologia da Família e do Género*. Porto: Departamento de Sociologia. Faculdade de Letras, Universidade do Porto. (Apresentado para acesso ao título de Agregado).
- Erera, P. L. (1996). On becoming a stepparent: factors associated with the adoption of alternative stepparenting styles. *Journal of Divorce and Remarriage*, 25, 155-174.
- Erera, P. L. (2002). *Family Diversity, Continuity and Change in the Contemporary Family*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Furstenberg, F. F. & Cherlin, A. (1994 [1991]). *Divided Families: What Happens to Children when Parents Part*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gosselin, J. (2010). Individual and Family factors related to psychosocial adjustment in stepmother families with adolescents. *Journal of Divorce and Remarriage*, 51(2), 108-123.
- Le Gall, D. & Bettahar, Y. (2001). *La pluriparentalité*. Paris: PUF, Coll. Sociologie d'aujourd'hui.
- Le Gall, D. & Martin, C. (1991). L'instabilité conjugale et la recomposition familiale, in F. de Singly (Ed.). *La famille. L'état des savoirs* (pp. 58-66). Paris: La Découverte.
- Levin, I. & Sussman, M. B. (1997). *Stepfamilies: History, Research and Policy*. New York: The Haworth Press, Inc.
- Lobo, C. (2006). *Recomposições Familiares: Dinâmicas de um processo de transição*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.
- Marsiglio, W. (2004). When stepfathers claim stepchildren: A conceptual analysis. *Journal of Marriage and Family*, 66(1), 22-39.
- Neyrand, G. (2001). Mutations sociales et renversement des perspectives sur la Parentalité, in D. Le Gall & Y. Bettahar (Eds.). *La pluriparentalité* (pp. 21-46). Paris: Éd. PUF, Coll. Sociologie d'aujourd'hui.
- Nicholson, J. M., Phillips, M. E., Peterson, C. C. & Battistutta, D. (2002). Relationship between the parenting styles of biological parents and stepparents and the adjustment of young adult stepchildren. *Journal of Divorce and Remarriage*, 36(3/4), 57-76.
- Parent, C. & Beaudry, M. (2002). Le développement de l'insatisfaction conjugale dans un contexte de recomposition familiale. *Revue Canadienne de Santé Mentale Communautaire*, 21(4), 153-166.
- Parent, C., Saint-Jacques, M. C., Beaudry, M., Robitaille, C. & Charbonneau, C. (2004). *L'implication du beau-père dans l'intervention sociale auprès des familles recomposées en protection de la jeunesse*. Centre Jeunesse de Québec: Institut Universitaire.
- Papernow, P. (2003). *Becoming a Stepfamily: Patterns of Development in Remarried Families*. New York: Routledge.
- Pasley, K. & Ihinger-Tallman, M. (1994). *Stepparenting: Issues in Theory, Research and Practice*. Westport, CT: Greenwood.
- Saint-Jacques, M. C. & Chamberland, C. (2000). Quand les parents refont leur vie: regards adolescents sur la famille recomposée. *Anthropologie et Sociétés*, 24(3), 115-131.
- Saint-Jacques, M. C. & Drapeau, S. (2008). Dans quel type de familles grandiront les enfants québécois en 2020? Un examen de la diversité familiale et des défis qui y sont associés, in I. Bitaudeau, C. Dumont & G. Pronovost (Eds.). *La famille à l'horizon 2020* (pp.101-143). Québec: Presses de l'Université.
- Saint-Jacques, M. C. & Lépine, R. (2009). "Le style parental des beaux-pères dans les familles recomposées". *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 41(1), pp. 22-30.
- Théry, I. (1991). Trouver le mot juste. Langage et parenté dans les recompositions familiales après divorce, in M. Segalen (Ed.). *Jeux de famille* (pp. 137-156). Paris: Presses du CNRS.

Théry, I. (1995). *Recomposer une Famille, des Rôles et des Sentiments*. Paris: Textuel.

Théry, I. (1998). *Couple, Filiation et Parenté aujourd'hui. Le droit face aux mutations de la famille et de la vie privée*. Paris: Éd. Odile Jacob, La Documentation Française.

Théry, I. (2001). Famille: l'éclatement des modèles familiaux. *Sciences humaines*. pp. 38-41.

Théry, I. (2002). Le temps des recompositions, in J. F. Dortier (Ed.). *Familles: permanence et métamorphoses* (pp. 55-61). Auxerre Cedex: Sciences Humaines Éditions.

Théry, I. & Dhavernas, M. J. (1993). La parenté aux frontières de l'amitié: statut et rôle du beau-parent dans les familles recomposées, in I. Théry & M. T. Meulders-Klein (Éds.). *Les recompositions familiales aujourd'hui* (pp. 159-187). Paris: Nathan.

Wall, K. (2005). *Famílias em Portugal, Percursos, Interações, Redes Sociais*. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.